

# A TRIBUNA DAS CRIANÇAS

Directora — Antónia Barreto

Redacção e Administração: Barcelos □ Editor-Proprietário: Colégio Missionário Ultramarino — Arcozêlo □ Tipografia: Montariol — Braga



C. M. B. P.  
BIBLIOTECA

## QUERIDO MENINO JESUS

**Q**UANTO mais vos contemplo, mais vos amo! Mas porque juntais as vossas mãozinhas como para uma oração?

E ao mesmo tempo que sorriso! Oh! dizei-me o segredo dêsse sorriso e que pedis vós olhando assim o céu? Estais contente com o meu amor? Sim, porque foi para o conquistar que vós nascestes esta noite de Natal... Mas sois tão pobrezinho e estais tão abandonado nessa gruta!

E se fôssemos buscar gente! Quem sabe? Há talvez muitas outras criancinhas que seriam felizes se vos conhecessem, se vos amassem também. Oh! sim, certamente, e é isso o que vós pedis.

Menino Jesus, a vós que sois Todo Poderoso, peço por tôdas as desgraçadas criancinhas que nunca ouviram falar de vós, porque se divertem na rua talvez ao lado duma igreja e que não pensam sequer em entrar nela, que nem sabem mesmo quem vós sois!

Por aquêles que estão mais longe e não vão mesmo ao catecismo, ou muito mais longe ainda e que não vos conhecem, porque não há ninguém para lhes falar de vós: os selvagens da Oceania, os negros da África e essas inumeráveis crianças do centro da Ásia que nunca viram um missionário. Oh! que infelizes são! Nunca, nunca festejarão o Natal. Vivem, morrem e não sabem que vós os amais. Suplico-vos, meu Menino Jesus, fazei que tôdas as criancinhas a quem se fala de vós, ouçam e compreendam bem; mas tende piedade sobretudo daquelas, que talvez ouvissem muito bem se alguém lhes falasse; enviai-lhes gente, missionários.

Custe o que custar, é preciso que sejais conhecido e amado sôbre tôda a terra.

## “O CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS,”

“O quê? O que é isto? Enganaram-se na direcção?...ou então: Êste Correio Missionário é para mim?...”

*E mais dum assinante ao receber no próximo mês “O Correio Missionário das Crianças» dar-lhe-ia mil voltas nas mãos, mas diz-se que “um homem prevenido vale por dois,”*

*É a vossa Tribuna que no mês de Janeiro vos será entregue com êste novo título.*

*Com o ano novo de 1939 dobrará as asas, tomará um outro formato e um nome diferente. Dobrará as asas! Como e porquê?...*

*Como?... Muito simplesmente: de 4 páginas passará dora-à-vante a contar 8.*

*Porquê?... Também muito simplesmente: se o assunto a expor é bastante vasto, o “pequeno público,” não o é menos, pois os seus leitores tornaram-se numerosos.*

*Portanto parece ter cumprido bem a sua missão: reünir, entusiasmar, e fazer entrar os jovens no movimento missionário.*

*Missionários já o sois um pouco sendo leitores da Tribuna. Mas é preciso sê-lo a fundo, muito cristãmente e muito generosamente.*

*A pequena Revistazinha, que por êste ano será bi-mensal, isto é, sairá de dois em dois meses, será mais do que nunca o traço de união entre vós e os vossos protegidos dessas terras longínquas.*

*Feliz com a sua nova epigrafe e com o pequeno progresso realizado, abre-se largamente a todos os seus correspondentes... instalando uma caixa para as cartas. Por meio da pena aprenderéis melhor a conhecer as missões e servireis melhor os interêsses das almas.*

*Esperamos que todos os nossos pequenos “Assinantes,” receberão com alegria a sua nova Revista directamente dirigida às suas almas de pequeninos, para fazer germinar nelas as alegrias do apostolado, afastar delas o egoísmo desvendando-lhes as grandes misérias dos seus irmãozinhos pagãos e fazer-lhes compreender que a graça da fé que desperta nos seus corações é uma chama que devem já comunicar por meio dos seus esforços, das suas orações, dos seus sacrificios.*



## VAMOS A BELÉM

Ir a Belém, minhas pequeninas índias, será possível?

No entanto foi a Tayaré que lançou a proposta.

Mas a Belém vai-se de muitas maneiras. Os magos foram lá de muito longe, levados por camelos magnificamente ajaezados; pode-se ir também a pé como os pastores, ou então ir ainda pelo desejo, pelos sacrifícios, e essa espécie de viajantes pode estar certa de que não será menos acolhida na Casa do Pão pelo doce Emanuel.

Foi assim que a professora explicou e foi assim que as órfãs de Coimbatour compreenderam...

A partir do primeiro domingo do Advento, é uma verdadeira emulação para ver quem fará mais esforços e mais sacrifícios. Cada pequeno acto de virtude será simbolizado por um fiozinho de algodão e é preciso ainda bastante para colocar no presépio uma almofadazinha bem confortável, debaixo da cabeça do Divino Recém-Nascido!

Os esforços, a julgar pelos fios que todas as noites se juntam no cestinho, são numerosos! Emfim, eis-nos chegados à grande Vigília.

Ao redor da capela, aparecem já cavaletes, papel a



imitar rochedo e plantas, tudo o que é necessário para construir uma gruta magnífica.

Mas... para os preparativos, as portas fecham-se e só à meia-noite na capela resplandecente de luzes é que as pequenas órfãs terão ocasião de tudo admirar.

Entretanto a Tayaré que foi testemunha dos generosos esforços do «rebanhozinho castanho» tem uma ideia que não confiou a ninguém. Imagine-se se o segredo ia ser desvendado!

Uma noite, com enormes pinceladas, pintou de castanho, de vermelho, de verde, de negro, grandes fôlhas de papel, e depois enrolou-as cuidadosamente e guardou-as.

«Então, pergunta ela, quando na manhã de 24 de Dezembro, a pequenada tomou os seus lugares nos bancos, estão prontas a ir a Belém?

— Oh! Tayaré!»

A proposta é tão maravilhosa que é preciso repeti-la e mesmo assim ainda não é muito bem que compreendem.

«Ao presépio?... À capela?...

— Não, aqui.

— Aqui, na aula?

— A gruta pode fazer-se aqui como na capela.»

Se m pôr mãos à obra não acreditam em



tal felicidade! E será possível descrever o aspecto da classe? É um formigueiro em plena actividade. Enquanto a Tayaré, ajudada por duas ou três das maiores, coloca a mesa, dispõe os caixotes, prega as ripas de madeira e amarrota as grandes folhas de papel pintado que de repente tomaram o aspecto de rochedos soberbos, no outro canto da sala tudo trabalha; uma corre à direita, outra à esquerda; esta traz uma coisa, aquela outra.

Terminada a parte que lhe compete, a professora deixa a decoração à iniciativa das pequenas.

Oh! presépio indefinível... problema de gosto mas também de ternura!

A maior das bonecas, uma de faces muito rosadas, foi quasi martirizada para ter a glória de receber um par de asas — quasi asas de borboletas — e merecer a honra de se tornar em S. Gabriel.

Quanto às inenarráveis produções de cultura — essas caixas de latão que desde há quinze dias se encontram um pouco por todos os cantos do jardim, essas caixas nas quais as órfãs lançaram um punhado de terra a-fim-de terem tufo de fresca relva para enfeitar o presépio — ei-las que mudam

de destino e do Menino Jesus da capela irão para o que está na aula.

Não é um pouco a mesma coisa? E depois, e depois... outra pergunta: será preciso que o Menino Jesus se «divirta» em Coimatur, no primeiro dia em que a aula se transforma num novo Belém! O que há-de ser para o divertir? Nada mais fácil: que cada uma traga todos os seus brinquedos!

Ei-los: bonecas, patos, pássaros, ferros de brunir, cêstos, bolas, etc., etc... sem falar dos frutos e dos bombons... que cobrem todo o chão. Prendem-lhes fios invisíveis e em breve descem de todos os pontos do rochedo, estalactites de novo género.

O Pai Natal poderia ter feito coisa melhor ou mesmo semelhante? Por fim, tudo o que não pode encontrar lugar no ar, amontoa-se quasi até esconder o canteiro de arroz verde.

O menino Jesus pode nascer. A almofadinha bem fôfa far-lhe-á sentir a palha menos rude e para se «divertir» os brinquedos não faltarão.

Os sinos repicam alegremente. Natal! Natal! Foi-nos dado um Menino. Nasceu

em numerosos presépios. Nasce sobretudo nas almas sinceras que o esperam.

Nasceu na gruta das pequeninas índias de Coimbatour. *Glória! Glória!*

Se a *Tayaré* ficou «maravilhada» com o belo trabalho das suas alunas, Monsenhor não ficou menos.

É tão bom, o Monsenhor! Quando no dia

de Natal, pela manhã, chega ao convento, num abrir e fechar de olhos as órfãs cercam-no e convidam-no a ir ver o seu presépio.

Condescendente, sorri, admira também e abençoa tantos esforços e iniciativas.

Tôdas se sentem felicíssimas. Para elas é bem a alegria, a paz prometida às Almas de boa vontade.

## PARA OS TEMPOS QUE CORREM

EM todos os tempos, o missionário foi «um conquistador de almas». Que quer isto dizer?

Que para ganhar almas a Deus, é preciso lutar contra o demónio.

Lutar contra o demónio? É isso fácil?... Oh! não se trata de agarrar numa espingarda nem numa espada de gume afiado, mas de muita coragem, de muitos sacrificios, de muitas canseiras; numa palavra, trata-se de encarar uma vida inteira de trabalho e que, por vezes, acaba pelo martírio.

Deus não pede a todos que sejam missionários, mas todos devem *ajudar* os missionários, e é uma maneira muito fácil de ter assim parte nos seus méritos.

Mas *ajudá-los* como?...

- O meio está ao alcance de todos e vós já o conheceis, é a oração.

É tudo?

Aos mais generosos diremos ainda: À oração juntai o sacrificio.

Quando os missionários de hoje tinham as vossas idades, diziam-lhes já que orassem pelos missionários e pelas missões; falavam-lhes das criancinhas miseráveis que morriam sem ser baptizadas e não podiam ir para o paraíso. Então não só oravam, mas davam também as suas pequenas economias para a Obra da Santa Infância; depois prometiam ir em seu socorro, quando fôsem grandes.

Quando os missionários de hoje tinham as vossas idades, falavam-lhes também dos numerosos mártires torturados pelos pagãos que pretendiam obrigá-los a renegar a sua fé, e viam-se já diante dos juizes terríveis, respondendo-lhes altivamente que existia um só Deus a quem era preciso adorar; viam-se como diz o cântico: «carregados de ferros e entregues aos carrascos», e cheios de entusiasmo para conquistar a sua palma, diziam: «Eu também hei-de ir.» Esta resolução nunca a esqueceram; já homens fizeram-se padres e partiram à conquista das almas.

Crianças para baptizar encontraram-nas às centenas e, se para salvar uma só alma não é nada de mais ir ao fim do mundo, que não se fará para abrir o céu a uma infinidade delas?...

Quanto aos juizes, aos ferros, às cangas, como eram gloriosos êsses martírios!...

Hoje com algumas raras excepções, já não é a mesma coisa.

Mas para um missionário que trabalhou muito, não é um verdadeiro martírio ver

os resultados de vinte, quarenta e cinquenta anos de labor intenso e de sofrimento, destruídos e aniquilados em algumas horas?...

Não é um martírio também, quando tendo deixado tudo para ir ensinar às crianças o caminho do céu, o missionário é proibido de ensinar a religião, sob pena de ver fechar a sua escola?

E os carrascos? Talvez que tenham agora mudado de nome e se chamem salteadores. Não se encontram nas prisões nem nos pátios do tribunal, mas nas voltas dos caminhos e de emboscada nas montanhas; revistam e despojam os viandantes, e algumas vezes, terríveis e sem piedade, massacram missionários e cristãos.

E agora mais ainda, o diabo não sabe o que inventar, parece, para impedir o Reino de Deus. É ver as guerras que se desencadeiam, os incêndios que devastam tudo, os milhares de criaturas que morrem sem os socorros da religião!...

Vós bem o compreendeis, a hora é muito triste e o que nos reserva o dia de amanhã?

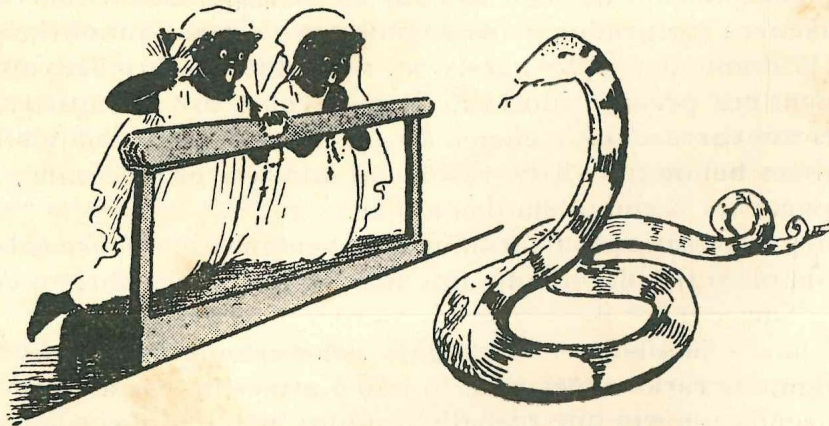
Orai pois para que todos os sofrimentos da hora actual apressem o Reino de Cristo sôbre a terra.

## Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

«Oh! diziam as pobres crianças, estávamos cheias de medo! Com que fervor rezávamos! Depois voltou a cabeça para nós e foi então que tocámos com tôdas as nossas fôrças».

Coitadinhas! Não há dúvida que foram umas heroínas.

Às dez horas, chega finalmente o Missionário. Dá a Bênção do SS. Sacramento e leva em seguida o santo cibório para a sacristia. Bancos, cadeiras, colunas, tudo é tirado da capela; assim em terreno descoberto, a guerra ao monstro será mais fácil. Alguns negros postos de atalaia, lanças em riste, imaginam estar já de posse do inimigo. Uma pedra é arremessada para trás do altar...



Nada! Um valente, bem armado, ousa dar alguns passos, vai pelo lado do Evangelho e reaparece do lado da Epístola... «Não há aqui *mioka* (cobra) nenhuma!» Faz-se então uma busca em regra em todos os cantos e recantos. Não há um buraco, uma pedra tirada ou oscilante, uma fenda mesmo que pudesse dar passagem à fugitiva. Nada, absolutamente nada!... Que se há de concluir de tudo isto?

Que o diabo estava enfurecido por ver que estas crianças negras, há pouco ainda pagãs, adoravam a Deus velado na Hóstia.

A coragem das duas pequenas tinha triunfado.

Todavia o diabo não devia ter ficado ainda tranqüilo.

## SOCORRO!

Não tinham decorrido três semanas, quando principiou a soprar uma dessas ventanias capazes de levar pelos ares os telhados dos «chimbecks», levantar as casas, arrancar as árvores pela raiz, lançar por terra um bananal inteiro. De minuto a minuto, o vento redobra; tudo estala, tudo geme, tudo toma asas.

Pelo meio dia, no mais intenso da rajada, ressoa um estrondo espantoso, depois seguem-se gritos. Êsses gritos partem da Missão; os negros correm logo para lá.

«A capela da Missão desabou e uma criança ficou debaixo dos escombros!»

A-pesar-do temporal, as Irmãs saem imediatamente. Com efeito três paredes e o tecto foram a terra. Só a parede do côro se mantém ainda; o altar que fica



encostado a ela, está intacto, e a linda imagem do Sagrado Coração, arremessada do nicho para sobre o próprio altar, está — coisa prodigiosa — de pé e indemne.

Debaixo dos montões de terra e das traves, descobre-se o corpinho do pobre cristão... A sua vida acabou ali, diante de Deus. Abrindo caminho através dos escombros, o missionário chega ao altar, abre o tabernáculo e retira o Santo cibório.

Naquele momento, o redemoinhar do vento cessa como que por milagre. Os negros afluem e organiza-se uma procissão para ir levar o SS. Sacramento ao convento das Irmãs.

Os cristãos oram, e cantam com todo o entusiasmo; os pagãos estupefactos, vêm

passar o cortejo... Jesus, o pacífico Senhor dos elementos, é levado em triunfo no meio desta multidão negra.

## AINDA A SELVAJARIA!

Êstes acontecimentos — sobretudo a cerimónia memorável da primeira procissão — deram lugar a um belo movimento de conversões; vários negros pediram que lhes ensinassem a conhecer essa religião do grande *Nzambi* (Deus) e fizeram-se catécúmenos.

Ikadja, o grande chefe, sem ter ainda chegado a êsse ponto, tornava-se cada vez mais manso, sendo no entanto de vez em quando atacado por uma «má lua». Visitava as Irmãs também mais frequentemente e algumas vezes trazia-lhes um excelente cacho de bananas. Seguindo o seu exemplo os pagãos dos arredores tornavam-se mais sociáveis, mas dêste progresso ao primeiro degrau da civilização, que passo de gigante não era ainda preciso dar! Faça-se uma pequena ideia pelo facto que vamos narrar:



«Um dia de intenso calor, diz Madre Maria do B. Rizzier no seu jornal, ao regressar da aldeia Djobu II onde fomos visitar um moribundo baptizado na véspera, enveredámos por um atalho do bosque para assim chegar mais depressa ao convento. De-repente, ouvimos ao longe um ruído confuso; à medida que nos aproximávamos, o barulho tornava-se mais distinto; eram cantos, gritos e o ressoar do tantã.

«Ao chegar ao fim do curto caminho, vimos a algumas centenas de metros, numa vasta clareira, alguns centos de negros formando um círculo; no meio dêles estava

uma mulher pintada de várias côres e adornada de peles de leopardo e de macaco; dansava, sacudindo um guiso, depois parava para beber dum trago uma cabaça de vinho de palma, retomando a seguir a sua dança.

«O que ela dizia não o podíamos compreender, mas quando nos avistou, começou a dançar com mais fôrça, olhando-me de frente com um aspecto diabólico. Esta mulher era uma possessa; andava assim de aldeia em aldeia, dando volta à região. Ficava oito dias sem comer nada, bebendo só vinho de palma, dançava durante horas

consecutivas, depois começava a sua lengalenga e excitava os indígenas contra os brancos».

Ainda um outro caso:

Um dia em que as pequenas iam acarretar água do rio, uma delas, Asemeke, entra na casa dum negro para roubar peixe. O indígena aparece e fica furioso; as religiosas dão-lhe tôda a razão e procuram serená-lo; mas êle, raivoso, fixa a pequena ladra e murmura entre dentes:

«Eu terei ocasião de te encontrar».

(Continua).

## NOVO MODELO

**A**LICE tem cinco anos e usa altivamente o seu titulo de benjamina do asilo. Há apenas alguns meses, entregue à sua fantasia, arrastava-se pelas ruas da aldeia, às vezes cheia de fome.

No asilo, agora, alegre como um pintasilgo, applica-se a tudo e mostra um verdadeiro talento para a costura e para a arte de fazer pontô aberto.

Mas há uma coisa arreliadora. Alice não pode conservar uma agulha mais que durante cinco minutos.

Por que mistério se escapa ela dos seus deditos e não se pode encontrar mais?... Sim, na verdade é um mistério! São apenas 10 horas e ela já está com a sua quinta agulha! Quem há-dé querer ainda emprestar-lhe alguma? Certamente que nenhuma das suas companheiras. A mestra tem o cuidado de inculcar mesmo a estas miúdi-nhas as noções de ordem e de economia e faz compreender à zelosa aprendiz que tan-

tas agulhas perdidas valem mais que o seu trabalho... É preciso não desperdiçar assim!

Um pouco aborrecida, Alice volta ao seu lugar. Desperdiçar? Com certeza que é mal e além disso causar desgosto às *Madrecitas* tão boas para ela! É necessário reparar tudo isso, mas como?

O jardim é a dois passos, e a porta grande está aberta. Num segundo, Alice sai, entra e retoma o seu lugar. A vizinha emprestou-lhe as tesouras e ei-la agora absorta num misterioso trabalho. Depois de alguns minutos, Alice recomeça o trabalho, cheia de ardor. A mestra que observa todos os seus gestos aproxima-se.

«Que está a fazer, Alice?

Ela trabalha, trabalha, mas... com um novo instrumento, uma hastezinha de cana, afiada e com um buraquinho muito redondo. Uma agulha de tal fabricação produz um trabalho bastante perfeito e depois... se cai é fácil de encontrar.